



## Irmãos e irmãs em Cristo:

No mês de setembro celebramos a Semana Farroupilha, símbolo da honra e valentia gaúcha. Cada gaúcho e gaúcha conhece os sentimentos que esta data lhe traz. Traz memórias agradáveis de um tempo em que nossos antepassados lutavam por liberdade, igualdade e humanidade.

Quem não conhece a história de Bento Gonçalves ou de Anita Garibaldi? Penso que a maioria de nós já ouviu falar de seus nomes, pelo menos, bem como de outros heróis e heroínas de nossa história, da Revolução Farroupilha. No entanto, Bento e Anita não foram as únicas pessoas que lutaram na Revolução.

Aquele seriado que passou na Rede Globo, “A Casa das Sete Mulheres”, foi uma oportunidade de conhecermos outros heróis e heroínas que deram sua vida pela “causa” farroupilha, mas que, ainda assim, permanecem esquecidos e esquecidas de nós, esquecidos e esquecidas da história.

Recentemente, novos modos de fazer história preocupam-se com a vida cotidiana das pessoas, suas relações diárias, alegrias e tristezas. “A Casa das Sete Mulheres” pode ser entendida dessa forma: fala de pessoas “comuns”, como você e eu.

Inspirado nesta modalidade de fazer história, vamos lembrar o texto do bíblico de Dt 34.1-5, no qual

---

Moisés viu a Terra Prometida, mas não pôde entrar! Imaginemos Moisés, sobre o monte Nebo, olhando para o outro lado do Jordão, sem poder passar. Seus sonhos... Suas expectativas... Tudo abortado!

No entanto, toda a multidão que pereceu no deserto fica esquecida por nós. Esquecemos que toda uma geração pereceu, sem poder entrar na Terra Prometida. Lutaram ao lado de Moisés contra os amalequitas. Saíram do Egito com cânticos e tambores, louvando a Javé. Todos mortos! E nós? Nós os esquecemos.

Para o povo negro, a Revolução Farroupilha prometia o fim da escravidão. Os Lanceiros Negros foram combativos e destemidos durante toda a Revolução, mas seu pagamento foi uma morte covarde. Seus sonhos de liberdade, igualdade e humanidade foram enterrados com eles em Porongos. Mais uma geração se perdeu. Esta é a nossa história, que precisa ser contada. Nossos heróis e heroínas precisam ser lembradas.

Alguém já ouviu falar de Antônio Maceo e José Antonio Aponte? Ou da Macandal? Ou Marcus Garvey? Esta história não é contada. Precisamos contar como José Antônio Aponte formou uma rebelião de escravos em Cuba, em 1812. Contar

como sua cabeça foi exposta em Havana. Contar como Macandal foi um dos precursores da Revolução do Haiti, fazendo culto Vodú. Como esta resistência cultural uniu os haitianos para lutarem por sua liberdade.

Nós negros temos nossos heróis e heroínas oficiais também. Martin Luther King, Mandela, Malcolm X, Zumbi, Mariana Grajales, Anastácia e tantas outras lideranças negras no Brasil e no mundo. Mas hoje, queremos lembrar de pessoas que foram esquecidas, pessoas que conviveram conosco quotidianamente.

O relato da dracma perdida em Lc 15.8-10 nos mostra como a mulher busca a sua moeda perdida. Limpa a casa, revira os móveis. Esta é a nossa proposta: vamos vasculhar nossa história, procurando nossas “moedas de valor”, nossos companheiros e companheiras que estão esquecidas. Eles e elas nos acompanharam na luta por um mundo melhor, mas hoje não estão mais conosco. Ficaram pelo caminho.

Quero trazer alguns exemplos de pessoas próximas a nós. José Alípio Gonçalves Vegas foi um dos primeiros estudantes afro-descendentes que veio estudar na Escola Superior de Teologia (EST).

---

Ingressou no ano de 1979, vindo a desistir do estudo em 1984. Faz 20 anos que ele desistiu. Depois dele, muitos afro-descendentes ingressaram e desistiram de seu estudo na EST. A mulher da parábola tinha perdido sua moeda. Quanto tempo ficou procurando? Será que 20 anos são suficientes para esquecermos sua colaboração? Sua coragem de estudar em uma instituição como a EST, marcadamente étnica? Se for muito tempo, vamos lembrar pessoas que estudaram há pouco tempo, como o Juscelino dos Santos Lima (Baiano) e a Rosimar Dill. O tempo que permaneceram conosco foi suficiente para deixar marcas.

São tantos heróis e heroínas que poderíamos lembrar hoje aqui. Pessoas que de alguma forma colaboraram para a formação e transformação da EST. Quero, no entanto, lembrar o mais recente herói que ficou pelo caminho, Guilherme dos Santos. Ele nasceu na tradição da Igreja Assembléia de Deus. Ingressou na IECLB e veio estudar na EST em 2001. Militou no Grupo Identidade desde então. Ele desistiu do curso neste semestre. Será preciso perdermos as moedas para procurá-las depois? Ou podemos guardá-las com cuidado e carinho?

Esta história precisa ser contada, refletida e recontada. Para encerrar, quero dizer que a discussão da inclusão da História da África no currículo escolar precisa ser feita aqui na EST. No dia 13, foi lançado na UFRGS um Programa de Extensão que visa formar professores para o combate ao racismo. Segundo o painalista José Carlos dos Anjos, a universidade é uma instituição racista: em 1934, havia 2% de negros na universidade. Hoje, este percentual continua o mesmo. Precisamos contar nossa história, como símbolo de novos tempos. Somente assim poderemos mudar o caráter racista e sexista de nossas universidades, centros de formação e sociedade. Para podermos, então, dizer "Sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra".

### Notas

- 1 Texto apresentado no Culto do dia 29/09/2004, realizado na EST.
- 2 Ezequiel de Souza é estudante de Teologia na Escola Superior de Teologia (EST); estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); integrante do Grupo Identidade da EST.